

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRUCKNER, P. *L'euphorie perpétuelle; essai sur le devoir de bonheur*. Paris: Grasset, 2000.
- CASSIRER, E. *Kant, vida y doctrina*. Madrid: Fondo del cultura, 1988.
- GOMBRICH, E. *História da arte*. São Paulo: Círculo do livro, 1972.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Rio de Janeiro: Cultrix, 2001.
- HELLER, A. *O Cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KLEIN, Y. *Quelques extraits de mon journal en 1957*. Paris: Centre Pompidou, 1983.
- LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MERLAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Abril, 1989.
- MARCUSE, H. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. *Eros and civilization*. New York: Vintage, 1962.
- MARX, K. *Teorias da mais-valia*, v. III. Trad. Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: 1980. p. 1306.
- POGREBINSCHI, T. *O enigma do político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- STANGOS, N. *Conceitos de arte moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- USSEL, J. V. *Histoire de la répression sexuelle*. Paris: Robert Laffont, 1972.
- WILDE, O. *El alma Del hombre bajo el socialismo; socialismo e individualismo*. México: Fondo de Cultura, 1989.

um sentido para a história, eles não poderiam ser diferentes da contínua apropriação dos meios de produção em termos de tornar possível um máximo de desenvolvimento das capacidades humanas em cada indivíduo, e em todos, igualmente. No entanto, essa quase obrigação de nos comportarmos, por mais que julguemos as imensas dificuldades de toda ordem em termos da realização desse projeto estético de humanidade, como se ele ainda assim fosse possível, e de nada fazer, pelo menos contra sua possibilidade, não autoriza a tomá-lo como o fundamento de uma ordem jurídica. Toda organização política, jurídica e econômica da sociedade estará sempre a serviço do reino da necessidade e o terá como fundamento por uma lei essencial da vida humana que a destina a ser “incompleta”, tanto nos indivíduos como do ponto de vista universal do gênero. Nas experiências estéticas, porém, experimentamos formas de prazer totais (absolutamente gratuitos) que prenunciam o que poderia ser uma vida plena, uma vez que, somente através delas, podemos desfrutar uma satisfação que não pretende ir além de si mesma.

O QUE ESPERAR DAS IMAGENS?

Carla Milani Damião¹

“Ao formular um discurso crítico sobre a produção das imagens, Platão não está ‘recusando’ a imagem, pelo contrário, ele a está incluindo. Ao criticá-la, ao tentar pensá-la e discerni-la no seu ser, ele está incluindo-a no repertório das questões fundamentais da filosofia ocidental”²

Marcelo Pimenta Marques (in Duarte, 2013, p. 175)

Apresentação

A fim de responder à questão “O que esperar das imagens?”, tomaremos como guia de reflexão outras questões que orientam algumas teorias sobre as imagens. “O que está acontecendo com as imagens?”, uma questão formulada por Ricardo Fabbrini,³ traz à tona o drama do espectador⁴ que vive em uma sociedade não de imagens, como comumente se afirma, mas de imagens-clichê.

1. Doutora em Filosofia e professora adjunta da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (FAFIL-UFG), na qual é responsável pela disciplina de Estética.

2. Em memória a Marcelo Pimenta Marques, que soube investigar, com rigor e dedicação, a semântica da imagem na filosofia de Platão, Aristóteles e autores da Antiguidade, superando muitos dos clichês teóricos pós-modernos. De fundamental importância para os estudos sobre a imagem na Antiguidade, leia-se: *Platão, pensador da diferença*, de sua autoria, e *Teorias da imagem na Antiguidade*, compêndio organizado por Marques.

3. Este artigo foi impulsionado pelo debate sobre o texto de Ricardo Fabbrini, intitulado “O que está acontecendo com as imagens?”, apresentado no VIII Encontro do GT de Estética da ANPOF, em junho 2016, na Universidade Federal de Ouro Preto, sob a coordenação de Bruno Guimarães. O texto apresentado por Fabbrini foi publicado na revista *Viso. Cadernos de estética aplicada*, n. 19, jul.-dez. 2016, sob o título “Imagem e enigma”.

4. Um conceito que Fabbrini recupera da expressão do dramaturgo Heiner Goebbels.

